

PLANEJAMENTO FORRAGEIRO: TÉCNICAS PARA AUMENTO DA PRODUÇÃO OVINA

Andréia Luciane Moreira

Dra. PqC Polo Alta Sorocabana/APTA Produção Animal e Pastagens,
aluciane@apta.sp.gov.br

Eidi Yoshihara

Dr. PqC Polo Alta Sorocabana/APTA Sanidade Animal,
eidi@apta.sp.gov.br

Rosana Ressa Aguiar

BSc / Universidade Tecnológica Federal do Paraná / UTFPR Administração,
rosana.ressa@gmail.com

A estacionalidade da produção forrageira é um dos principais problemas a se solucionar no sistema de exploração de ovinos a pasto. O período de escassez coincide com o frio invernal, que limita a produção do pasto pela falta de umidade e causa a insuficiência de nutrientes que muitas vezes não atendem as exigências de manutenção dos ovinos. Assim, uma ovinocultura eficiente e viável é dependente do crescimento natural das forrageiras e de sua conservação adequada, revelando de grande importância a reserva de alimentos para suplementação dos animais no período crítico, visando minimizar os efeitos negativos da escassez de forragem no desempenho animal.

Todo produtor deve fixar o conceito de planejamento forrageiro, no qual se busca a oferta constante de alimentos e sempre acima da necessidade dos animais. Dessa forma, a produtividade e o desempenho genético do rebanho serão sempre maximizados.

Fazer um bom planejamento forrageiro significa produzir volumosos durante o ano todo para o rebanho, sendo na forma de pastagens, na forma de alimento conservado (silagens, fenos, pré-secados) ou em capineiras.

A busca pelo menor custo de produção em produtos de origem animal tem sido direcionada para utilização racional de todos os recursos alimentares disponíveis, e o setor produtivo vem buscando alternativas de fontes alimentares com menor custo, tendo como destaque a utilização da cana de açúcar, de resíduos de colheita de culturas anuais e de subprodutos da agroindústria.

O objetivo deste artigo é de relatar as alternativas existentes para o planejamento forrageiro e cada um será abordado com suas especificidades e particularidades nos artigos posteriores.

As alternativas de utilização de forragem para um planejamento forrageiro são:

1. Silagem

A ensilagem é um processo de conservação que tem como objetivo final preservar o valor nutritivo da forragem com o mínimo de perdas. No processo os carboidratos solúveis são convertidos em ácidos orgânicos pela ação de microorganismos, uma vez que encontrado o ambiente ideal proliferam e criam condições adequadas à conservação.

Muitas culturas podem ser preservadas na forma de silagem, dependendo do tipo de animal a ser alimentado, da expectativa de produção, do maquinário disponível, dos tipos de solos e dos locais de cultivo. Culturas ricas em energia como o milho e o sorgo, têm sido usadas, sendo o milho considerado a melhor forrageira para este fim. Outras forrageiras como alfafa, sorgo forrageiro, girassol, cana, forrageiras de inverno, mistura de gramíneas com leguminosas, também são usadas, mas, dependendo do grau de limitação para a fermentação anaeróbia, podem requerer artifícios para redução do teor de umidade ou complementaridade do teor de carboidratos.



Fonte: propackms.com.br

Figura 1. Silagem de milho

2. Feno

O processo de fenação envolve remoção de grande quantidade de água da planta. De um modo geral uma forrageira durante a fase de crescimento vegetativo, em condições normais de umidade no solo, apresenta 75 a 85% de água (15 a 25% de matéria seca), durante a fase de floração cerca de 65 a 75% de água e na fase de sementes maduras, cerca de 55%.

O estágio de crescimento da planta é o que determina o seu valor nutritivo. Plantas forrageiras durante o crescimento vegetativo apresentam alto valor nutritivo e à medida que passa do crescimento vegetativo para o reprodutivo (floração) este valor decresce acentuadamente. Contudo cortar uma planta muito jovem não é interessante, pois a produção de matéria seca cresce segundo o modelo sigmoidal com a idade da planta e ainda por ela conter um teor de água muito elevado.

Nesse sentido a produção de feno de alta qualidade requer pelo menos que duas condições sejam satisfeitas: a forragem a ser cortada deve ser de boa qualidade e a secagem deve ser feita com a perda mínima de nutrientes, que se consegue por meio de secagem rápida que leva a planta à sua inatividade.

O processo de secagem começa quando a planta é cortada. Alterações mecânicas no tecido da planta aumentam a taxa de secagem pela ruptura dos tecidos (células) facilitando o movimento da água e aumentando a superfície de evaporação. Portanto, secagem mais rápida determinará menores perdas na respiração e conseqüentemente obtêm-se uma forragem conservada com valor nutritivo mais elevado.

As gramíneas mais indicadas para a fenação, geralmente são as mesmas indicadas para a formação das pastagens para ovinos. As leguminosas normalmente apresentam maior qualidade em relação às gramíneas, mas dentro de cada grupo de plantas há uma variação muito grande no valor nutritivo.



Fonte: Dos autores

Figura 2. Feno de capim Tifton 85

3. Capineiras

Nada mais é que uma pequena área, cultivada com gramíneas de elevada capacidade de produção, que quando em seu ponto ótimo de produtividade e valor nutritivo, deve ser cortada e picada para o fornecimento de forragem verde no cocho para os animais.

Quando bem utilizada minimiza a escassez de forragem no período seco, refletindo positivamente sobre o desempenho do rebanho. Para que a capineira proporcione resultados satisfatórios, o produtor deve seguir várias práticas, que vão desde sua formação até o manejo adequado. As gramíneas mais utilizadas para capineiras são o capim elefante e a cana de açúcar que apresentam comumente elevado potencial de produção, facilidade de multiplicação, alta aceitabilidade pelos animais, resistência a pragas e doenças, relativa resistência a seca, porém é sensível a geada.



Fonte: Fagundes, J.L.

Figura 3. Capineira de capim elefante

4. Bancos de proteína

As leguminosas contribuem para melhorar a qualidade da dieta, porém, sua adoção em pastagens consorciadas ou bancos de proteína tem sido limitado devido à pequena oferta de cultivares, insucessos no passado e problemas de persistência

Trata-se de um sistema integrado, onde uma parte da área da pastagem é reservada para o plantio de uma leguminosa forrageira de alto valor nutritivo, com a função de complementar a dieta animal em regime de pastejo. As forrageiras mais utilizadas são Leucena, Cunhã, Guandú, Juazeiro e Carqueja.

Os bancos de proteína têm como finalidade o estocamento de forragem rica em proteína, para suprir os animais ao longo do ano, em todas as fases de produção dos ovinos. Essa aplicação pode ser resgatada a qualquer momento e são especialmente valiosas na estação seca, quando a forragem, principalmente as gramíneas, apresenta baixo teor de proteínas.

A formação dos bancos de proteína deve estar em um ponto central da pastagem, facilitando o acesso dos animais à área, e evitando a construção de corredores na pastagem.

A vantagem é que, nesse sistema, a proteína é produzida dentro da propriedade, eliminando os custos com aquisição de tortas e farelos. Além disso, ele contribui para que haja

economia com mão de obra, já que não será necessário preparar rações, viabilizando a redução de investimentos com equipamentos e gastos com energia.



Fonte: Dos Autores

Figura 4. Banco de proteína de feijão guarandú

5. Subprodutos das agroindústrias

No Brasil são produzidas grandes quantidades de resíduos e subprodutos da agroindústria com potencial de uso na alimentação animal, podendo contribuir para diminuição do custo de produção e reduzir problemas com armazenamento gerado pelas fontes produtoras.

A disponibilidade é dependente da região onde se encontra as indústrias. Podem ser encontrados resíduos de algodão, polpa cítrica, resíduos de cervejaria, subprodutos da soja, mandioca, farelo proteinoso de milho, resíduo de tomate, subprodutos do pinhão manso, girassol. São encontradas em forma de caroço, torta, farelo, casca da semente.



Fonte: Dos Autores

Figura 5. Subproduto - Farelo de soja

6. Sobressemeadura da pastagem

A técnica da sobressemeadura de forrageiras de inverno em áreas formadas com espécies perenes de clima tropical associada à irrigação é uma alternativa a ser considerado com vistas a aumentar a produção e sua distribuição estacional e, principalmente, o valor nutritivo da forragem durante a estação fria e seca do ano.

Dos aspectos desejáveis à utilização de plantas forrageiras, a distribuição uniforme da produção de forragem durante o ano é um dos atributos mais procurados pelos produtores, assim a sobressemeadura provoca aumento substancial tanto na quantidade como na qualidade da forragem, podendo alterar a distribuição da produção durante o ano, com a redução da necessidade de alimentação suplementar dos animais nesse período.

A mistura de espécies forrageiras anuais de inverno visa combinar os picos de produção de matéria seca que são alcançados em diferentes épocas, de acordo com a espécie, resultando no aumento da produção e do período de utilização da pastagem e melhoria da qualidade da forragem disponível. Tem-se observada redução da incidência de plantas invasoras nas áreas de gramíneas tropicais sobressemeadas com forrageiras anuais de inverno, bem como uma recuperação mais rápida do crescimento das gramíneas durante a primavera, em decorrência do manejo, da irrigação e da aplicação de fertilizantes nas áreas durante o inverno.



Fonte: Dos Autores

Figura 6. Área de pastagem de capim Tifton 85 sobressemeada com aveia preta

Considerações finais

O planejamento forrageiro deve ser visto com muita seriedade pelo produtor e é indispensável o uso de alguma alternativa nas condições ambientais brasileiras. Portanto, existe sim, técnicas que podem ser implementadas pelo produtor, mas que, se não for planejada, no decorrer do ano, proporcionará somente o insucesso da produção de ovinos.